



A PRINCEZA ISABEL DA ROUMANIA, noiva do principe Jorge da Grecia e cujo consorcio se realisará dentro em pouco. (Officé Chusseau Flavens)

II Série—N.º 399

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 13 de Outubro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redacção, administração, offic. de composição e Impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Numero avulso.... 10 cent. Anu..... 4850 cent.
Trimestre. 1820 cent. Semestre..... 2840 "

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8

CASA BANCARIA ^E ARMAZEM DE FERRAGENS

Moreira, Gomes & C.^a 7 — RUA 15 DE NOVEMBRO — 7
PARÁ

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças
do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem paga-
mentos aos domicilios



A. MOURÃO & C.^a

Rua 15 Novembro

PARÁ

(Em frente á casa FERREIRA
COSTA & C.)

ARMAZENS

DE

FAZENDAS E MIUDEZAS

VENIDAS POR ATACADO

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma

respon. limitada

CAPITAL:

ações.....	300.000.000
obrigações.....	325.000.000
Fundos de reserva e amortização.....	195.000.000
Reserva.....	950.310.000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio Louzã, Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embalar. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina — contínuo ou redondo e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
COMPANHIA DO PRADO. Numero telefonico: LISBOA. 415 — PORTO, 117.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
= EM TODOS OS GENEROS
Ofc. da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
R. do Seculo, 43—LISBOA



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Cortez, Coelho & C.^a CASA BANCARIA

— 44, Rua 15 de Novembro —

⊙ Caixa postal 50 — PARÁ ⊙ ⊙ ⊙ Endereço teleg. MIRAN — BRAZIL ⊙

Emitem saques sobre as principaes Praças da Europa, America do Norte e Brazil.
Fazem cobranças de conta de terceiros. Compram e vendem Cambiaes. Coupons.
Papeis de Credito etc.

Encarregam-se da administração de bens moveis e imoveis, por meio de
procurações de ausentes, mediante modica comissão.

Compram e vendem moedas e papel-moeda de todos os paizes. Effectuam todas as
transacções bancarias.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 399

13-10-1913

Yuan-Chi-Kai

Yuan-Chi-Kai foi eleito presidente da república chinesa. Este facto tem para nós apenas de interessante a circunstancia de não interessar absolutamente nada á China. Organismo politico complexo e instavel, xarão imenso de povos e de raças no estado de desagregação imminente, multidão amarela de quinhentos milhões de almas que dormem e que seria perigoso acordar, mandchus, tibetanos, mongos, kalmouks, capazes de exterminar-se amanhã por um gráu de indice cefalico a mais ou a menos, o antigo imperio, com a sua unidade politica comprometida por factores d'ordem interna e externa, tendo perdido, com a cabaia doirada e com a dinastia de Tai-Tsing, os ténues elemetos tradicionaes que o agregavam, indifferente portanto á natureza e ás flutuações do poder central, — viu decerto Yuan-Chi-Kai vestir a sobrecasaca europeá de presidente da república, com o mesmo formidavel desinteresse com que nós seguimos, de longe, os acontecimentos da China.



par-se amanhã por um gráu de indice cefalico a mais ou a menos, o antigo imperio, com a sua unidade politica comprometida por factores d'ordem interna e externa, tendo perdido, com a cabaia doirada e com a dinastia de Tai-Tsing, os ténues elemetos tradicionaes que o agregavam, indifferente portanto á natureza e ás flutuações do poder central, — viu decerto Yuan-Chi-Kai vestir a sobrecasaca europeá de presidente da república, com o mesmo formidavel desinteresse com que nós seguimos, de longe, os acontecimentos da China.

O foguete

Ha um elemento que caracteriza todos os festejos portuguezes, que os simbolisa, que os resume: o foguete. O foguete é o companheiro indispensavel de todos os nossos jubilos. O foguete é o anuncio estrondoso de todas as nossas festas. O foguete uma instituição nacional. Estufisa, sibila, estala, atrá, corta o ar como um traço d'ouro, — e, por pouco dinheiro, diz tudo. E' o melhor de todos os pregões.

E' o mais eloquente de todos os oradores. E' o mais sincero de todos os correli-



gionarios. E' o mais leal de todos os amigos. Mas—Deus de piedade!—é o mais antipatico de todos os barulhos. Já em 1644 um alvará de D. João IV mandára proibir os foguetes. Essa prohibição tem-se repetido, vinte vezes, no correr do tempo. Pois os foguetes resistiram até hoje. Por que coisstituem uma neces-

ridade absoluta da nossa vida social? Não. Porque são uma pagina exata da nossa psicologia.

Velhice

Os jornaes noticiaram a morte d'uma centenaria em Lisboa: 107 anos. Apesar da relativa frequencia da longevidade, estas decrépitudes biblias impressionam sempre. E' certo que a velhice não se reduz a numeros; que a idade é um preconcito aritmetico; que cada um de nós, como diria Metchnickoff, tem a idade do seu tecido conjuntivo; que os animaes, que não contam os anos que vivem, são mais felizes do que nós porque envelhecem sem o saber.



Entretanto, estas figuras carinhosas e brancas de centenarios, vivendo como sorriscos, apagando-se como sombras, fazem-nos invejar, — porque nós dão a impressão d'um de sa parecimento sereno, tranquillo, feliz, sem agonia e sem violencia,

como se realmente existisse o instinto da morte natural e fesse possivel deixar de viver tão docemente, tão voluptuosamente como se adormece.

A torre de Belem

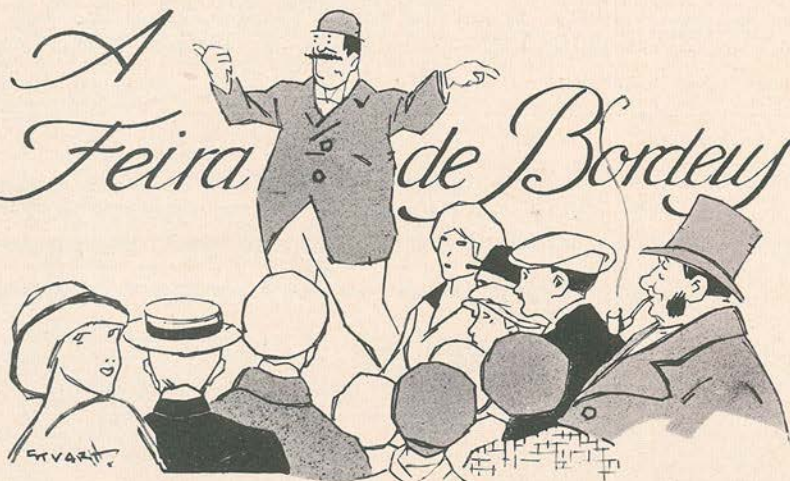
Merece o maior aplauso a vereação de Lisboa pela sua attitude na questão da torre de Belem. Todos os artistas e todos os escriptores portuguezes deviam acompanhar, pelo menos com a manifestação do seu apoio intellectual, a acção firme e nobre do municipio. E' preciso defender essa maravilha de pedra que a pena de Garcia de Rezende debuxou e cuja fatine doirada desaparece mordida pelo fumo negro d'um gazometro. George Meredith, o grande romancista inglez, disse um dia que a indifferença dos povos pelas obras d'arte é a mais terrivel e a mais eloquente expressão da sua decadencia. E' uma grande verdade. O respeito pela tradição e pela arte só não existe nos povos que querem deliberadamente morrer.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo.)

A Feira de Bordeus



A feira de Bordeus, sem ter atrativos que prendam longo tempo a creatura civilizada do Ocidente deixa, contudo, uma impressão amavel quando é vista superficialmente atravez a alegria dos outros.

Na enorme Place des Quinconces, de que ela se apossa todos os anos, durante os mezes de março e outubro, passa então, mormente aos domingos, grande parte da população da Gironde. Ha exhibições interessantes, instalações de relativa pompa. O feirante menos graduado tem por vezes maquinas custosas. Os domadores abundam, com ricas coleções de fêras de todas as regiões; os diretores dos teatros populares, sujeitos graves, de sobrecasaca e chapéu alto, disputam entre si a atenção do publico, sublimando em calorosos discursos o merito das suas peças e dos seus artistas; nas barracas das tombolas, mulheres e homens rifam continuamente sob varios processos, mais ou menos alicientes, frascos de pistaches, artigos de basar, vinho engarrafado, objetos de vidro e louça (entre os quaes tem primasia certos vasos de faiança que servem de orbita a um enorme olho espreitador—azul ou negro, a gosto do comprador—esmaltado no fundo) e até galinhas, patos e pombos, já mortos e depenados... Mas a parte nobre da feira e a que maior concorrência atrae é composta quasi exclusivamente de carroceis, divertimento que em França não seduz apenas creanças, mas quasi toda a gente—sobre tudo as mulheres.

Foi no vistoso barracão que resguardava o mais afamado d'estes maquinismos, que eu entrei uma noite, mediante os seis *sous* regulamentares—e, afastado o reposteiro de veludo pela grossa mão de um cerbero fardado, logo me achei em meio dos mais diversos grupos, creaturas de todas as edades e de todos os matizes moraes, que na volubildade da sua alegria e dos seus movimentos, me deram a impressão de borboletas estonteadas. Ao lado, em uma dependencia envidraçada, resfolegava o motor electrico que fazia girar o carrocel e o *trottoir roulant*, e fornecia ainda a clara luz que inundava o recinto.

De pé sobre o largo anel giratorio do soalho, vendo correr em sentido inverso os coches doirados onde esvoaçavam cabelos loiros, risadas, plumas de chapéus e espumas alvas de gazas, senti vagamente melindrada, ante aquela desordenada alegria, a minha circumspecção de portuguez maccambuzio...—Deus meu! pois seria possível que

esse divertimento de creanças, esse rodopio atordoador, agravado ainda pelas vozes potentes de um realejo-orquestra, capazes de encher uma cathedra, seduzisse tanta e tão diversa gente!

Durante alguns minutos, estacado no *trottoir roulant*, ruminei estas presunçosas considerações. De subito, cri vêr um rosto conhecido dentro de uma das *nacelles*. Mas a velocidade do carrocel era tamanha que, apesar dos mais obstinados esforços de atenção, apenas logrei divisar uma face trigueira e um bigode preto, sob as abas de um chapéu de palha—tudo indeciso, um pouco confundido com os tons claros e flutuantes de uma figura de mulher.

—E' bem possível que seja ele!—rosnei, saboreando a minha suspeita.

E, resolvido a apurar a verdade, esperava pacientemente que o carrocel afrouxasse a marcha, quando um ventruço vegete, que a meu lado se retemperava com a alegria da gente moça, se desequilibrou—e, desorientado, com receio do ser colhido pelo carrocel, se agarrou a mim, esmagando o meu pobre pé esquerdo com todo o peso dos seus cem kilos de unto.

Empurrei-o com furor, gritei-lhe em claro portuguez:

—Irta, bruto!

E ele, ainda de mãos no ar, emparvecido:

—Pardon, monsieur... Je vous demande pardon... Je... .

Eu, manquejando, voltei-lhe as costas:

—Bôa noite!

Comprando por mais dois *sous* o direito de me sentar em uma cadeira de palhaça, esqueci o carrocel e o homem misterioso que n'ele entrevira, a apalpar sobre o sapato mascarrado o meu infeliz pé. Devia ser grotesca a minha dôr, comico o meu desfalecimento, porque instantes depois uma aguil rapariga, delgada e tentadora na musselina clara do seu vestido, o cabelo desgrenhado pelo turbilhão do carrocel, se curvou deante de mim, a espreitar-me a face trombuda—e, com um riso de *griset* de Paulo de Kock, me arrojou este sarcasmo:

—Oh, quelle tête!...

Olhei com odio—e com humilhante desejo—essa sirigaita que assim, tão descaradamente, zombava de uma das mais respeitaveis dôres fisicas do animal bipede—a de sentir esmagada a sua planta; e rosnei, com mentido desprezo, vendo-a desaparecer:

—Vae-te, desavergonhada!

Sahi d'ali ufano do tedio que me isolara em meio de tão suspeitas alegrias; mas, atravessando a rua central da feira para recolher ao hotel, o meu olhar fixou-se casualmente em uma barraca vizinha, iluminada com pompa entre trapagens de veludo e enresencias de luxo levantino, e então de novo me pareceu lobrigar, entre os curiosos que entravam o mesmo rosto trigueiro que momentos antes entrevara no carrocel.

Um subito alvoroco sacudiu o meu tedio.

—E' ele, com certeza! —exclamei sem recato, fazendo arregalar de pasmo os olhos de duas creanças que perto de mim chupavam os dedos lambuzados de *nougat*.

A barraca intitulava-se *Palacio de Cristal*—e, pelas curvas mouriscas da sua arquitetura cenografica, pelos largos cartazes que a maculavam, percebi que nenhuma das maravilhas, nenhum dos gozos do Oriente, me seriam desconhecidos depois de ter penetrado n'essa Alhambra de taboado e lona.

Entrei, pois, perturbado pela esperança de encontrar um compatriota e pelo antegozo dos saborosos pecados de Mafoma. Transposta uma esguia porta guarnecida de velhos veludos sacerdotaes, achei-me em um corredor onde algumas dezenas de pessoas se empurravam e comprimiam, com risos e exclamações que se avivavam de instante a instante, como se estivessem continuamente sendo provocados por alguém que eu não via nem ouvia. Curioso, avancei para o grupo mais proximo, e imediatamente vi adeantar-se para mim um homem da minha estatura, vestido como eu, cujo rosto se esfumava na sombra que a aba do chapéu interpunha á claridade que jorava do teto. Vendo-o caminhar ao meu encontro, detive-me e esperei. Mas ele parou também. Desconfiado, avancei de novo, desviando-me para o deixar passar; ele imitou-me, e outra vez nos achamos frente a frente. Os meus brios de estrangeiro revoltaram-se contra aquella insolita provocação, e marchei resolutamente para o homem, decidido a imolar, n'um pugilato reabilitador, a minha inofensiva bengala lusitana. Ele mostrou o mesmo arreganho hostil, e então, irremediavelmente, produziu-se entre nós o primeiro embate de luta. Em volta houve risos; eu ri também, vexado, pois acabava de reconhecer que o meu estranho adversario era eu proprio! Sim, eu proprio! O corredor do *Palacio de Cristal* era uma viela de espelhos em zig-zag, tão dextramente colocados e combinados que, mesmo depois de desfeito o primeiro engano, outros enganos sobrevinham. E era essa irritante sequencia de ilusões, essa inevitavel desorientação, que provocava os risos e as exclamações da multidão que me precedera e também d'aquella que já me seguia.

Mas o corredor, extenso e zig-zagueante, mais longo parecia ainda, nos lentos passos em que era forçoso percorrel-o, entre os cotovelões, o esmagamento e o calor sufocante d'um ajuntamento... Impaciente, perguntava já a mim mesmo se as maravilhas orientaes que ia ver me compensariam d'aquella desagradavel prova de iniciação. . . Al-



fim, contuso, a transpirar, conquistei o omega do corredor—e logo, no meio da onda humana, fui projetado como um grão de areia no jacto de um dique subitamente aberto, em uma quadra miseranda e triste, nua e mal alumada, onde havia duas portas: a da saída, com o seu pomposo reposteiro de veludo, e outra, interior, aberta tosamente em uma taipa de pinho, sobre a qual havia um letreiro que convidava o publico a entrar e gozar um espetaculo de variedades mediante um suplemento de quatro *sous*.

Orientando-me, eu olhava em torno, buscando entre-vêr o rosto trigueiro do compatriota que me fizera entrar n'aquela indecoroso cafarnaüm. Em vão! O homem sumira-se de novo.

Encostado á hombreira da porta interior, um empregado de olho gázeo, o craneo calvo, exclamava de minuto a minuto, com uma regularidade fonografica:

—Il y a encore des places, messieurs et dames! Admirez la grande exhibition de merveilles de l'Orient!

Aproxime-me do homem, espreeite o antro. Era uma saleta com bastas filas de cadeiras voltadas para a boca miseravelmente ornamentada de um pequeno palco. Os logares estavam quasi todos occupados, e continuamente a onda dos que saíam desiludidos da fatal travessia do corredor de espelhos, se engolfava n'aquello improvisado teatro, á busca do Oriente prometido. Espreitando sempre, julguei vêr entre os espectadores das primeiras filas, o homem que procurava. Entrei também—e, apesar de não poder aproximar-me d'ele, reconheci-o em fim, sem a menor duvida.

Alvorocado, esqueci-me de que estava, como os reis magos da cantiga, ás portas do Oriente, e bradei:

—Oh Pascoal!

Um sussurro de espanto e de hostilidade reprovou essa expansão luzitana. Eu, entusiasmado pelo encontro, desprezei as demonstrações da estranja, e de pé sobre a minha cadeira de pinho, tive o prazer de vêr o rosto trigueiro erguer-se, com dois largos olhos assombrados, sob a aba do chapéu de palha; depois, uma voz dominou todos os vagos rumores da sala, impetuosa:

—Oh Montarrio!

Sim, era ele, em verdade, o Pascoal Taveira, o homem illustre que, nascido em Ponte da Barca, bacharelado em Coimbra, e amado no Porto pela bela Ninette, tentara, um ano antes, a paradoxal viagem aos «quatro cantos da Terra.»



Estava ali! Mas os mundos que percorrera, as civilisações que atravessára, não lhe tinham, de certo, afinado a perspicacia, pois achava-se, como eu, dentro d'uma barraca de feira, ludibriado, buscando, por quatro *sous*, a miragem do Oriente! . . .

O seu regosijo, ao vêr-me, foi tamanho, que no



primeiro instante mediu com o olhar o espaço que nos separava, como se quizesse saltar para os meus braços por cima de oito filas compactas de espectadores... Por fortuna, n'esse momento, uma campainha retiniu, a luz desapareceu, e com e-a-gando então a divisar-se no palco a mancha branca de um pano esticado.

— Espere-me á saída, Montarrio! — gritou-me ainda o Pascoal na escuridão.

Um unisono de «chuts» silvou ameaçadoramente em toda a plateia. Um gracioso, encorajado pela obscuridade, soltou mesmo este brado, que atribua á Italia o fervor das nossas efusões:

— Silence, les macaronis!

No palco, sobre o pano esticado, uma lanterna de projeções avivou um circulo de claridade; depois, pouco a pouco, como uma sombra que se aproxima e define, uma cabeça de Cristo appareceu, chagada, lamentavel, os cabelos cingidos pela corça de espinhos...

— C'est le voile de la Sainte Véronique! — commento perto de mim uma voz ciciada de boca sem dentes.

Certo, era o santo sudário — esse mesmo que nas devotas procissões portuguezas de quarta feira de cinza se admira nas mãos d'uma donzelinha vestida de brocado, que canta ante os passos ornamentados as elegias da Paixão... Sim; era ele. Mas que vinha o filho de Maria fazer ali, áquella festa profana que atrairá mais de uma centena de espectadores com a promessa de culpadas delicias do Oriente?...

Creio que este problema transcendente não preocupou apenas o meu espirito, porque pouco depois, já quando a imagem santa se desvanecia no painel, ouvi uma voz cantada, explicar chocarrearmente:

— Eh bien, mon ami... Le Chr'st est certainement la plus grosse merveille de l'Orient!

— Bem explicado! — rosnei eu, para os meus ho-tões. — Cristo é sem duvida uma das maiores maravilhas do Oriente...

O homem da lanterna magica tinha por certo egual opinião, porque julgou inutil apresentarmos outras maravilhas menores. O pano de boca desceu, occultando o palco; a sala illuminou-se. Alguns espectadores praguejavam contra a expolição; perto de Pascoal, tres estudantes, com a sua boina de veludo preto, riam travessamente, pedindo bis. E foi em meio d'este confuso alarido de protesto, que o pano do palco se ergueu outra vez.



— Voilà la seconde merveille!
— gritou um dos estudantes.

— C'est la dernière femme de Barbe-Bleu! — acrescentou outro.

Escutando serenamente estes ditos, uma rapariga de cabelos escuros, com uma facesinha de tranquillo descarro, o busto apertado n'um gibão mourisco, as pernas dissimuladas em largas pantalonas turcas, um crescente de latão no alto da cabeça, informava o publico de que possuia, por mercê dos deuses, o poder de fazer falar uma cabeça decepada... Desejando dar um testemunho de especial deferencia aos habitantes de Bordeaux, ia ali exhibir esse misterioso poder...

Concluindo assim a sua arenga, afastou-se para deixar vêr no meio do palco uma mesa fraldada, até ao soalho, de grosso baetão azul, e sobre ella uma cabeçorra masculina, de longas barbas grisalhas, de longos cabelos grisalhos... Esta opulencia capilar tinha-o fim evidente de occultar, em torno do pescoço do impostor que estava ajoelhado debaixo da mesa, o buraco através do qual elle enfiara a cabeça. Tudo aquilo era tão pueril, que até uma criança de 4 anos, que do colo d'uma bela mulher admirava o espetaculo, perguntou:

— Dis, maman... Qu'est ce qu'il fait sous la table, cet homme-là?...

Entretanto, imperturbavel ante o alarido de troça que eletrizára toda a plateia, a prestigiadora mouris'a fazia perguntas nescias ao homem da mesa, que respondia com a pausa e a solemnidade d'um espectro. Por fim, meteu-lhe um cachimbo na boca, e a cabeça começou a fumar. O alarido recrudescceu:

— Assez! Assez!

— Mais, tenez, c'est un supplice chinois! — gritou um estudante.

Habituada decerto áquellas ovações, a mulher agradecia, sorrindo, os gritos, os assobios, a excitação do seu publico. Por fim, o pano desceu. O empregado abriu com fragor a unica porta da plateia, para significar que o espetaculo terminára. Saimos, rindo-nos un dos outros, todos mistificados.

— Epatantes, vos merveilles orientales! — disse um dos estudantes, quando saia, ao empregado.

E ele, calvo, os olhos desbotados, compenetrado, polido, inacessivel a ironias, respondeu com dignidade:

— Merci, monsieur!

D. JOÃO DE CASTRO.

Gratia Plena



Essa que é linda, pallida e morena
E só por me enlear o pensamento,
E' meu enlevo e meu contentamento
E, por não merecê-la, a minha pena :

D'uma beleza tímida e serena
E passo musical, airoso e lento,
Lembra-me um lírio batendo ao vento,
Cheia de graça e mimos de acucena...

Ouvi-lhe um dia a voz.—ouvi um canto...
E seus olhos ungiam de luar
A minha noite amargurada, enquanto

A minha aspiração, ardente e louca,
Abelha d'ouro, andava a sussurrar
Na manhã virginal da sua hoca...

CANDIDO GUERRERO.

(Soneto classificado no concurso da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA)

PRAIAS ITALIANAS (Ladispoli)

As praias italianas teem um aspéto diferente das nossas, como o mostram as gravuras que a *Ilustração* hoje publica de Ladispoli, praia favorita dos habitantes de Roma, que não pôdem, pelos seus limitados recursos, preferir-lhe Viareggio, Rimini ou o Lido, de Venezia—as praias elegantes da sociedade patricia.

Os romanos que não pertencem a tal sociedade

em certas ocasiões, as raías do ridículo, tal é o pretencionismo que atestam.

Em Ladispoli ha uns chamados *estabelecimentos de banhos*, que armam barracas. Estas são de madeira e oferecem razoavel comodidade; mas ha tambem *barracas particulares*, de lóna, onde os seus proprietarios, que ás vezes são muitos, se vestem e despem em *Republica*, sain-



contentam-se em fazer a sua estação de banhos de mar em Anzio ou Ladispoli, praias que oferecem as comodidades indispensaveis e não lhes ficam a ma's de duas horas de comboio. Mas Ladispoli é a praia favorita dos romanos, porque é a mais proxima e a mais barata, o que lhes não é indifferente. E' em Ladispoli que ao domingo se encontram, cheias de alegria e entusiasmo, as lindas *sartine* acompanhadas dos seus *fidanzatti*. O costume é passarem na praia todo o dia e comerem um almoço obrigado a peixe fresco. Iguaria difficil de obter-se em Roma, onde o peixe constitue um alimento só para as classes ricas. Nas praias italianas ha muita convivencia e liberdade. Esta acentua-se nos vestuarios de banho que, por vezes, são d'uma frescura paradisiaca: adota-se em geral, o indispensavel, ha tambem muita convivencia, não se conhecendo, na ocasião do banho, na praia, as cerimonias

do d'elas para mergulhar ou nadar... se é que o médo da agua se não faz simplesmente agarrar a corda que lhes indica até onde ha pé, quer dizer até onde pôdem avançar sem nenhum perigo.

As frequentadoras de Ladispoli gostam muito, por exemplo, de se sujarem antes de entrar nas saízas ondas! Como? Expliquemos. A areia de Ladispoli é quasi negra, parecendo mais terra do que areia. Enquanto não se dispõem a entrar na agua, as lindas *sartine* sentam-se em amavel cooquio, com os seus inseparaveis *fidanzatti*, n'essa terra e é depois le bem se emporcalharem—que singular divertimento!—que elas partem de carreira, ligeiras como a gazela, para o mar que, n'um instante, as restitue brancas como a açucena e deixando então, generosamente, admirar a beleza da sua pele assetinada e as suas côres rosadas de raparigas em ple-



1. No mar durante o banho.—2. Grupo de banhistas aguardando na praia a ocasião d'entrarem n'agua.

que, por exemplo, nas nossas praias de Espinho e mesmo da Figueira da Foz se notam e atingem

na juventude... E' uma originalidade, não acham?

A batalha das flôres em Vila do Conde

Realizou-se em Vila do Conde uma batalha de flores, organizada por um grupo de rapazes que sabem imprimir a todas as festas que preparam um tom de elegancia.

Na batalha de flores tomaram parte alguns car-



1. Carro dos Barbosas e Oliveiras



automoveis unicamente adornados pelos banhistas, chamou áquela praia enorme concorrência que admirava o entusiasmo louco com que se jogava, sendo quasi que impossível passar no pequeno «Chiado» de Vila do Conde, onde o entusiasmo atingiu o maximo dos limites. Vila do Conde é uma das praias do Norte onde a colonia balnear mais divertimentos promove e nos quaes reina sempre a alegria e o bem estar.



2. O carro do sr. Sebastião Azevedo
3. Um dos carros classificados

ros artisticamente ornamentados onde se viam senhoras e rapazes da primeira sociedade que jogaram entusiasmadamente até ao fim da tarde.

O cortejo, que era composto de mais de vinte e cinco trens e



4. Aspeto geral da batalha das flores

(Clôchês do distinto fotografo amator sr. Adolfo Barbosa)

Concurso Hípico nas Caldas da Rainha



1. O tenente sr. Silveira Ramos saltando no seu cavalo *Star*.—2. O tenente sr. Jara de Carvalho no cavalo *Elmo* 1.º premio *Omitum*

Tem decorrido animadamente a estação nas Caldas da Rainha onde ha uma importantissima colonia que tem feito d'aquella vila um verdadeiro lugar de vilegiatura elegante para o que concorre além da sua tradição de beleza das aguas medecinaes o pitoresco e amenidade do local. Promovem-se ali grandes di-



versões nos clubs, arranjam-se «pic-nics», e «kermesses», fazem-se as mais animadas festas entre as quaes se destacou este ano, pelo entusiasmo que despertou, o concurso hípico que teve a mais distinta e elegante assistência, a qual aplaudiu a fôrma brilhante como decorreu aquele exercicio desportivo.

3. O capitão sr. André Reis que fez um brilhante percurso.



4. O tenente sr. José Alverca que ganhou o 2.º premio das Caldas.—5. O tenente sr. Casal Ribetiro que ganhou o 4.º premio da caça—(Clieús do distinto amador sr. Alfredo Pinto (Sacavem))

: Uma visita aos Bijagós :



Uma «tabanca» na ilha Formosa.

Manhã cedo, quando nas dobras do firmamento vinha aparecendo uma pequenina mancha de luz, o sorriso do dia muito branco e tenue, tomamos logar a bordo da lancha *Republica* uma vistosa lancha de dois mastros que nos ia conduzir ás ilhas de Bijagós, onde a tradição fazia dos seus habitantes uns selvagens da mais requintada ferocidade, an tropofagos, bestiaes.

Juntamente com a comissão de terras, ia proceder-se á medição de uns terrenos de que é concessionario o espirito mais beneficemente empreendedor, do conhecido africano sr. dr. Matheus de Sampaio, a quem a velhice não consegue amolentar a rizeja do seu caracter ousado.

Um vento fresco aromatisado pelas exalações da seiva, enfonou as vélas brancas e em breve cortavamos o mar buliçoso em direção á ilha Formosa onde fariamos quartel general.

Pela tarde, o vento amainou a ponto de ser-



Ponte e frente de Bolama.

mos obrigados a fundear porque a corrente maritima faz-nos retroceder em logar de nos aproximar do ponto desejado.

Só no dia seguinte, ás 10 horas da manhã, o escalor de bordo nos levou á distancia de uns vinte passos da terra da ilha Formosa. Saltamos para os hombros dos pretos que transpuseram aquela pequena distancia vagarosamente, não fossem enterrar-se no fundo lodoso d'aquelle porto fortemente povoado de blocos de pedra marinha cobertos de ostras, cujas cascas cortam os pés como facas afiadas.

Um caminho estreito e tortuoso ladeado de palmeiras gigantescas e d'uma quantidade infinita de pequenas arvores que se enlaçavam e cruzavam n'um esplendor de maravilhosa vegetação, levou-nos ao posto militar ali estabelecido depois que o dr. Sampaio fez terminar a lenda da ferocidade de Bijagós.

Esperava-nos um almoço soberbo, gentileza do respetivo comandante, servido n'um abrigo feito de ramos de palmeiras entrelaçados que nos abrigavam das ardenças dos raios solares, deixando correr livremente a briza marítima que tão desejada era.

Mal constou a nossa chegada, os regulos ou chefes das povoações mais proximas, acorreram a saudar o dr. Sampaio, trazendo-lhe presentes de galinhas, ovos, vinho de palma, etc., presentes que eram generosamente retribuídos.

O Castro que levava apreensões sobre a fôrma como seríamos recebidos, sentia-se já outro homem e todo ele era amabilidades para os pretos que se ficavam a olhar para ele, rindo alvamente...

—Vai-nos correr tudo bem, exclamava ele depois a todo o momento. Ao desembarcar, passou por mim uma borboleta branca... é bom sinal! E' muito bom sinal!

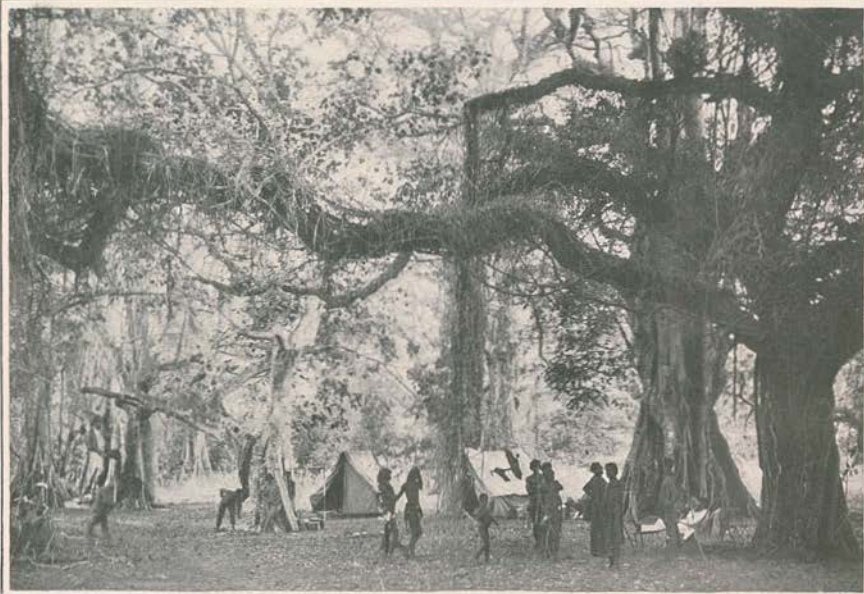
trelas, fomos surpreendidos com a chegada d'um grande numero de pretos e pretas que nos vinham dar a honra do indispensavel batuque.

Aqueles que, como eu, ainda o não tinham apreciado ficaram radiantes; os outros não louvaram muito a gentileza do regulo.

E' uma dança monotona, ao som de uma especie de tambor, onde o principal *dancarino* aparece com uma grande cabeça de boi ou de cabra que lhes chega até aos hombros, guizos nos braços pernas e diversos ossos e dentes de animaes a cingir-lhe o tronco nu, que brilha pela quantidade de azeite de palma com que o untam.

As mulheres acompanham o *tam-tam* dos tambores batendo palmas com as mãos e incitando com gritos o *dancarino* para que mostre todas as suas habilidades coreograficas.

A este, quando cansado, succedeu-se outro e mais outro e só pela noite alta terminou o batuque, quando a maior parte d'elles se achavam já



A ilha da Caravela.

Esta ilha, é, como todas as que fazem parte do arquipelago, muitissimo rica pela produção natural do *coconote* que o preto só apanha quando tem necessidade de trocar por arroz—quasi seu unico alimento.

Nas diversas excursões venatorias que fizemos durante os dois dias que ali estivemos, tivemos occasião de verificar que, em certos sitios, ele junca o chão como entre nós fica o chão juncado de ouriços depois de um castanheiro varejado. E o preto passa, esmaga, sem calcular a riqueza que ali está desperdiçada.

Já tarde, quando nos dispunhamos a tomar os leitos, armados ao ar livre, tendo por docel a imensidade de um ceu limpido atapetado de es-

a contas com os vapores do alcool que bizarramente se ia distribuindo.

E' de notar que esta raça tem uma decidida vocação para a escultura, apresentando regularmente conformadas as cabeças dos animaes com que se adorna na occasião dos seus *bailes*.

O traje não pôde ser mais rudimentar: os homens apenas cingem aos rins uma pele de cabra curtida por um processo conhecido d'elles, perfeitamente maleavel por estar impregnada de azeite de palma e as mulheres trazem simplesmente uma pequena saia de uns 20 centimetros de altura feita de uma palha escura muito semelhante á rafia.

Saimos da Formosa com direção á ilha de Uno, porém com receio a um *tornado* que ameaçava desencadear-se, aportamos em Eguba, onde o

gentio, passado o primeiro momento de receio, se aproximou de nós com curiosidade, admirado de ver tanto branco reunido no seu *chão*, como eles lhe chamam.

tas em semi-circulo com uma meza ao centro. N'um unico degrau que tinha a casa da rainha, estava ella sentada, rodeada das princezas, tendo ao lado o *Bufalo*,—especie de ministro—senhor



A Ilha Sogá

Ali dormimos na cubata de um preto conhecido do interprete que levavamos, sem que houvesse qualquer caso digno de ser mencionado.

Feita a medição dos terrenos n'esta ilha e Uno aproamos em Orango, de todas a maior, onde nos esperavam na praia uma porção de *principes e grandes* da ilha que a rainha, conhecedora da nossa chegada, havia mandado a receber-nos.

A amabilidade d'esses *nobres* chegou a ponto de serem elles os condutores das nossas bagagens.

A povoação ficava situada á distancia de um kilometro da praia. Quando ali chegamos, a nossa surpresa foi enorme quando vimos no largo onde está situado o *palacio real*, cadeiras dispos-

com elevados poderes,—um preta lhão enorme, com o ventre proeminente—que pouca consideração nos ligou após a nossa chegada.

E' da praxe que n'estas audiencias *reaes* não deve o visitante dirigir a palavra nem dizer o que pretende enquanto lh'a não dirijam a elle.

Assim, estivemos uma longa meia hora, comprimindo o riso, afétando uma seriedade que seria comica se os nossos espiritos estivessem perfeitamente tran-

quilos sobre o resultado d'aquella audiencia. Por fim, a rainha, senhora de toda a ilha, ao contrario do que succede nas outras, onde cada povoação tem o seu chefe, fez um gesto.

O *Bufalo* falou.

O interprete fez-lhe saber os nossos intentos,

Outro aspéto da ilha Sogá

originou-se uma discussão muito acalorada e por fim, depois de varias peripecias que seria longo enumerar, foi dada a autorisação para a medição do terreno.

A audiência foi levantada vindo a rainha apertar a mão ao dr. Sampaio, seguindo-se-lhe o Bufalo.

Fomos jantar. A' noute, como se tinha levado um violão e bandolim fizemos uma serenata pelas ruas de Orango, cantando o fado que nos recordava a Patria distante, julgando entusiasmar os seus habitantes, mas eles não se dignavam escutar o nosso canto nem os acordes suaves dos instrumentos!

Ao outro dia saímos para ir medir cinco mil hectares n'uma determinada ponta que o sr. dr. Sampaio havia escolhido e que ficaria a distancia de uns cinco kilometros.

Pois saindo do acampamento ás 6 da manhã só ali regressamos ás 6 da tarde, andando constantemente!

Perdemos-n'os. Tivemos que tornar um rio de agua salobra e esse torneio foi de tal fórma que gastamos mais de seis horas para chegar ao sitio defronte! Por vezes tivemos que passar ao hombro dos pretos, braços d'esse rio que foi o nosso pezadelo.

Depo's, quando nos julgavamos prestes a atingir a tal ponta que se pretendia medir, um emaranhado *taraçal*, arvores pequenas que se embaraçam e cruzam em grandes extensões nas proximidades do mar, cortava-nos o caminho!

Jamos mortos de sêde e a fome já começava tambem.

Pela tarde, extenuados, deitamos-nos á sombra de uma palmeira a repouzar.

Uma preta pequena que passava e a quem nós chamamos para nos guiar, mal nos viu, fugiu como uma corça assustada. Desesperados de alcançar o fim desejado, seguimos em frente, vagarosos, quando ouvimos o chiar das gaivotas. Emfim! O mar estava proximo e era esse já o nosso desejo.

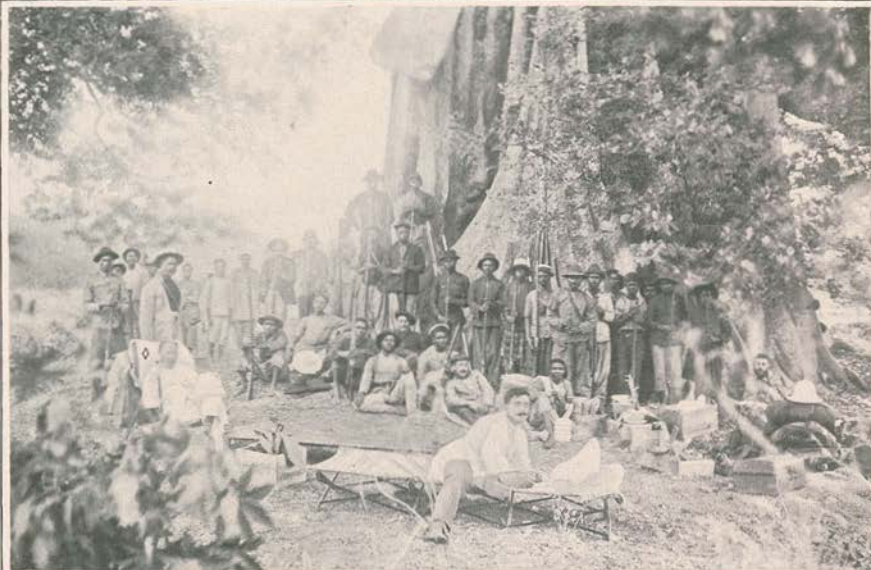
Fomos dar, precisamente ao ponto que desejavamos. Lá estava a almejada ponta!

Fez-se a medição, puzeram-se as estacas, e para que nos não succedesse o mesmo no regresso, resolvemos vir ao longo da praia, viagem não isenta de perigos, pois que tivemos de atravessar rios que nos davam pelos hombros e vastas vezes ficamos atolados no seu fundo de l'ido.

O doutor, inquieto, já tinha sa procurado e ficou radiante mal nos viu aparecer.



Dr. Mateus Teixeira de Sampaio
um dos grandes
proprietarios de Bijagós.



Outro aspêto da ilha Formosa: O dr. Mateus Teixeira de Azevedo ◊ sentado entre o seu pessoal e convidados

Não podíamos dar explicações do sucedido. A boca seca, pastosa, só teve forças para gritar: — Água! dêem-nos água!

Felizmente, sem a mais pequena nota desagradável, fez-se a medição no resto das ilhas,

mas deve dizer-se em abono da verdade, que ao espirito pratico e cordato do sr. dr. Sampaio, a quem hoje os pre-tributam uma grande veneração, se deve tão feliz resultado, apesar do Bijagós ser de genio pacifico e laborioso.

Ele tudo conseguia, tudo aplainava e de todos fazia um amigo. Verdaderamente

empreendedor como ele é, com a constancia do seu animo varonil e o desejo ardente de enriquecer a sua patria a quem ele dedica o melhor do seu espirito e da sua alma boa, não será para admirar que d'aqui a alguns anos ele dê á Guiné o mesmo impulso benefico que imprimiu a S. Tomé e que o arquipelago de Bijagós seja uma das maiores riquezas d'aquella provincia.

Assim deve ser. Mas só a sua força de vontade será capaz de pôr em pratica aquilo que o seu espirito sonha e acalenta ha tantos anos de tornar mais prospera e mais progressiva esta ilha.

REINALDO NUNES.



A vegetação da ilha Formosa.



Batuque na ilha Formosa—(Clichs do autor)

A feira das nozes em S. Mateus

A feira das nozes de S. Mateus é das mais pitorescas que se realisam no paiz, atrae grande concorrência, fazem-se ali bons negocios e tem o aspêto caracteristico de uma romaria com os seus inalteraveis costumes.

As barcas carregadas de nozes que aproam á terra são



uma das partes mais interessantes d'essa festa; perto d'elas se aglomera o povo em danças e des-cantantes celebrando o fruto que dá o nome á feira que ha dias se fez em Arenelas, um dos mais atraentes logarejos do norte de Portugal.



1 e 2 As barcas das nozes em Arenelas.—(Clichés do distinto fotografo amator sr. Francisco Viana)

Na Foz do Douro

As pequenas do meu compadre Moreira — as *Moreirinhas*, como se diz lá no burgo — costumam fazer durante o estival setembro, em companhia da senhora sua mãe e minha comadre, um «poucoxinho de banhos, para arrijar o fisico», na praia sôrna da Foz do Douro.

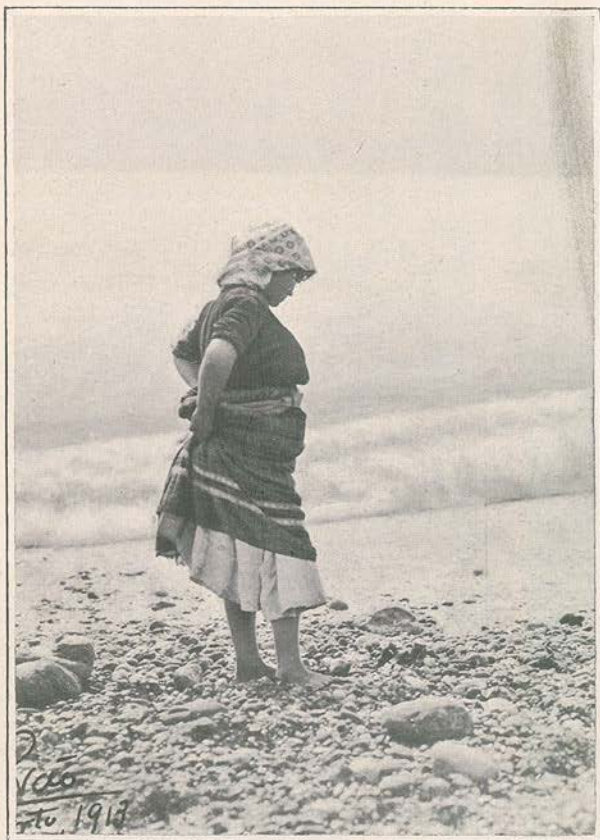
Ora pouco tempo depois que o período das festanças publicas arremata, produzindo a sensaboria das cidades provincianas como a sua — da qual toda a gente foge, indolente ou gananciosa, para viverem: uns com o acaso do jogo, outros dos vintens amoedados para a cura da doença, e outros ainda da lepra humana da vaidade, espalhando o cobre em superficialidades pomposas, que dão no gôto — Moreira sente, sisudo, a necessidade de se fechar imediatamente em copas; e durante sucessivos dias tenebrosos, ferrado á escrevaninha ou entregando o dinheiro das compras á creada, com os olhos presos no balcão, o meu compadre não sorri, não fala e, consequentemente, procura não aparecer.

Desde então, da mulher empurrando as filhas, porque «são filhas», das filhas encorajando a mãe, porque é, enfim, «sua mulher» portanto meira nos lucros, Moreira, que bebe nos ares estas coisas da realidade, compreende subtilmente que todos ao seu redor, desde a creada que se ouseia pedindo o dinheiro para a «praça» com desenvolta firmeza e uma pancada rija no balcão, até ás filhas que o cócam de longe, todos se preparam para lhe estorquir d'assalto, com maiores ou menores ternuras, o dinheiro que ele amerzenda, economico e velhoço, do córte constante e estreito das meias solas.

Um dia, porém — é fatal! — alguém se encoraja a notificar á meza, sobre o du-

ro silencio do Moreira, o dia e a hora, intransferiveis da partida.

— O quê?!.. interroga, alarmado. Ah!... sofisma de subito. Sim, sim!... A' sua custa pôdem ir para onde quizerem... Que, quer dizer... eu ainda aqui sou *alguem*, e ainda mando!... E logo engole



Olhando as vagas de sobre os seixos.

a garfada, sumida sob o bigode russo de estopa.

Da raiz resistente e conservadora d'este Moreira nasceram quatro filhas, que são como a flôr rompendo num abril lirico ao topo dos braços da grande arvore mãe, e a quem eu dei a lér, sem que possuia remorsos, os *generosos*, os *impulsivos*, os *subtís*, os *singelos* e os *fortes*, em espio-

sas camadas de oitavo francez. Orgulho-me, em verdade, de as haver sacudido da morrinha das palhas — á sombra, curta, do meu compadre.

E agora, mal vem manhã e as nevoas cobrem o mar, temos aqui quatro corpos, quatro mulheres que riem alegria, frescura, encanto e força, saltando da cama e espadanan-

do a agua aos pescoços e aos braços com singular movimento; ataviando-se á pressa e arregimentando logo, ainda atravez as ruas quietas, para o banho soloio do *Zé da Clara*—um grosso e forte que veste de bastão queimado e é exímio em pegar as mulheres ao collo, contra o estomago, com as duas pernas desnudadas a baloiçarem. Soltos os belos corpos cubiçaveis das filhas do meu compadre batem pesado n'agua, e sacodem-se d'ela num salto elastico, com uma equestre desenvoltura e prazer. Então não ha mais que alongar a vista e vel-as nadar, marear na agua com frouxidão e delicia. Rente ao mar verde, elasticas e expledidadas, nadam até á alavanca que ao longe, cravada sobre uma rocha, sustem o cabo rijo e crespo da parceria dos banheiros, lançado ao largo para os mergulhos. E quando voltam á terra, tomando pé sobre a areia puida pelo surrar das ondas, no rez da praia, não se abafam em panos turcos, inimigos do ar puro e da felicidade de viver, como tantas outras; mas voltam anchas e anagadas, de seio rijo a estalar na bluse azul, cus-

pindo a salmoira das vagas e sacudindo os duros braços—porque esta vida, se tem-no bem, quer-se vivida a todo o corpo, para os mais quentes desejos e para as ternuras mais fortes.

Pelo meio dia, voltadas ao areal e vestidas de chita azuleja ja, com os camponezes chapéus de palha apertados por um elastico ao



Um espelho cuja moldura são penhascos

xeixo forte e proeminente, elas são sempre quatro figuras isoladas da turva da praia, quatro «singulares» para os estupidos, quatro companheiras ideais para os solidos de saber humano.

Não é que se *apropositem* para viverem vida livre, tomarem com snobismo um rijo banho de sol ou treparem ás rochas, a serem vistas de longe, recortadas na côr

cinzenta da atmosfera calorea, para resultados sentimentaes e de equilibrio financeiro. Não. N'elas o que vive, o que decididamente quer, o que afoitamente pôde, essa força é violenta e exclusivamente as domina. Quando me quedo ao alto da praia soalheira, olhando á roda, procurando vel-as, e d'acaso as enxergo ao longe, toca-me de subito o rebate d'uma preceção estranha e n'elas não vejo

e de olhos claros e abertos e altos, nos quaes se explende o sol com todas as vivas graças da sua formidanda e maravilhosa atividade. Para elas o mar é a selva, porque a instantes se arvoriza de espumas, que são copas com ramos claros, ageis e largos. Agitando-se continuamente, a selva verde pelos campos em deante, tão populosa ás vezes nos rasgões,

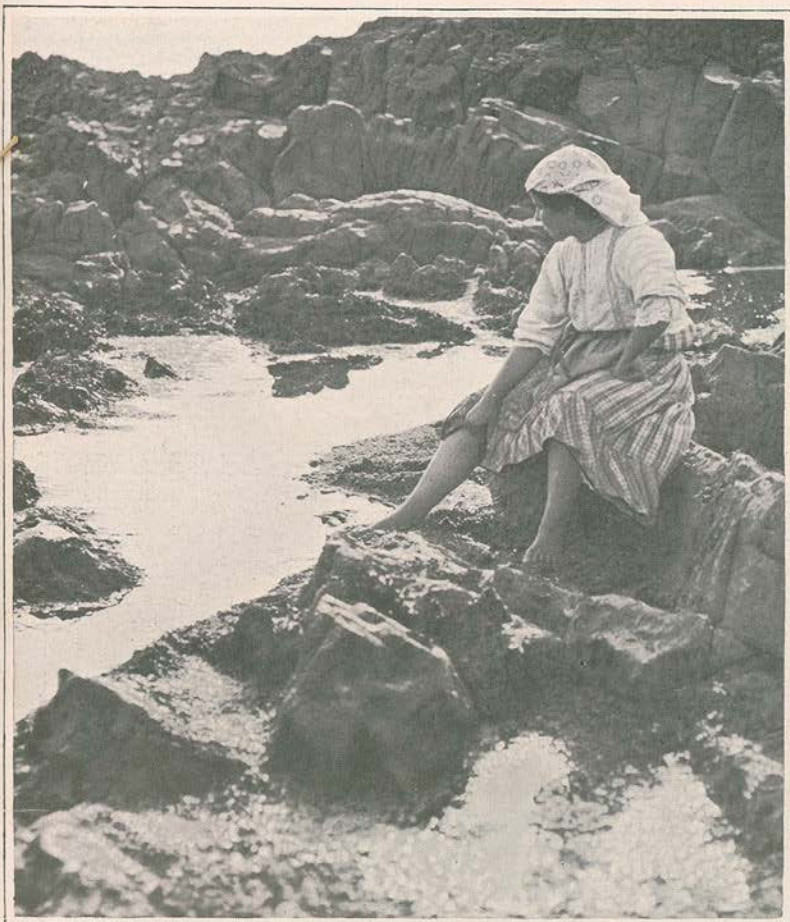
largos da estancia, sugere-lhes o mar eloquentemente que tudo submete, recurvando-se agora bravo e rumoroso para o amago dos vales, logo galgando de arremesso ás serranias e cristalizando, verde dos limos em rama arvorante, nos pinheiraes verdes esparsos pelas cumiadas altissimas e distantes.

Ed'esse avô violento, com todo o corpo em asperezas, de se haver surrado pelas penedias e cardos nos tempos longiquos da tanga de pele de cordeiro e da cabaça ao tiracolo, Moreira é, porventura, entre os presentes, o mais remoto representante.

N'ele, no obeso homem parado, em quem o destino caprichoso quiz obrar um estupendo contraste de espirito e resoluções,

está o neto contrapositante do admiravel e antigo ceifeiro de maçãs martinjiz e lapas de ostra, ora estabelecido com negocio de bezerro e sola ao largo do Trovador, em terras de Guimarães.

Mas a natureza, a um tempo barbara e generosa, quiz penitenciar-se d'esse capricho e crime cometidos a 14 de agosto de 1856; e d'ahi, resoluta, recorreu na



Sobre as ribas.

mais, sob esse prolongado aspeto radiante, que as nétas de um remoto filho das selvas e das rochas marinhas, vivendo o alimento ocasional dos frutos e dos moluscos, quasi nú entre as faias verdes e as arribas queimadas, em emulação de corpo e alma á ação violenta da natureza.

São quatro mulheres de braços fortes e duros, de grande seio robusto e carnoso



4. Ao cair da tarde.

genetiaca ablusão das quatro filhas do meu compadre uma costeia de barbarie e outra de entusiasmo, resultando-se da estranha operação fisiologica, n'estes tempos de Politica e Igreja, quatro nobres

Dianas, alegres e ligeiras, que de Deus só conhecem, como se fez mister, o seu multiplice desdobramento pelo reino unido da natureza.

ALFREDO GUIMARÃES.



2. Um melancolico trecho da praia—(Clichés do distinto fotografo sr. Alvão, do Porto)

FIGURAS E FACTOS



1. As regatas em Sines: Durante a regata.—2. O barco vencedor.—3. A direcção da Sociedade de Beneficencia Portuguesa de Ribeirão Preto, da direita para a esquerda, (sentados) srs. Antonio dos Santos Martins, 1.º secretario, Antão Adelino Mendes, presidente, Emílio Maço, tesoureiro; em pé: José Antonio de Moraes, 2.º secretario, Domingos Pereira Lopes, vice-presidente, e David Martins Brandão, 2.º tesoureiro.—4. As regatas de Sines: As canoas da picada *Lavra e Emilia* que ganharam os 1.º e 2.º premios. (Cliché do sr. José Monteiro Guerreiro)



A filarmónica de Niza, que obteve o primeiro premio no certamen realizado em Portalegre entre cinco filarmónicas do distrito. (Cliché da sr.ª D. Amélia S. Dias, tirado propositadamente para a *Ilustração Portuguesa*.)

A Exposição Grafica na Imprensa Nacional

A exposição d'artes graficas, instalada na Imprensa Nacional e que o chefe do Estado inaugurou, é um dos mais curiosos e interessantes certamens que se tem realizado no nosso paiz.

Ali está tudo quanto se relaciona com a grafia desde o desenho á impressão colorida desde a fotografia á fotogravura, a zin-



1. O edificio da Imprensa Nacional onde está instalada a exposição.

cografia e os trabalhos de tipografia da mais alta arte, da mais perfeita execução.

Além das obras propriamente da Imprensa Nacional, em todos os generos que ali se cultivam, ha as instalações dos particulares algumas dignas de nota e entre as quaes está a do *Seculo* que ali expoz varios trabalhos das



A instalação dos trabalhos do cenografo Augusto Fina.



3—Os membros do juri do certamen.—4. Maquina de fabricar sobrescritos construida pelos serralheiros da Imprensa Nacional e que tem dado ottimos resultados.



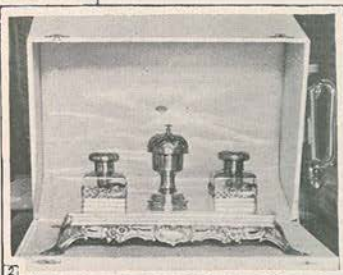
dos reporters fotograficos nas quaes se veem alguns clichés preciosos dos acontecimentos palpitantes dos ultimos tempos e dos homens que n'elles tomaram parte que são verdadeiras fotografias artisticas como as que expõe Benoiel e que todas foram publicadas no nosso magazine registando os factos com uma documentação bela e precisa.

A Imprensa Nacional tambem expõe uma maquina de fazer sobrescritos que os apresenta já com a goma e que foi fabricada pelo pessoal do es-

suas oficinas, dos ateliers da *Ilustração Portuguesa* brilhantemente executados n'um curto espaço de tempo.

De todos os pontos do paiz onde existem artistas e onde se produzem trabalhos graficos ou se fabricam materias n'eles empregados vieram concorrentes correspondendo assim a essa idéa na realidade digna de todo o elogio e auxilio.

Uma das partes da exposição tambem interessante e que atrae o publico é a das instalações



1. O diploma da exposição, trabalho do desenhador da Imprensa Nacional, sr. Alfredo Moraes, gravado a talho doce sob a direção do gravador-chefe do mesmo estabelecimento sr. Eduardo Correta.—2. O premio da Associação Industrial oferecido para galardoar um dos melhores trabalhos.—3. As instalações da Companhia do Papel do Prado



A modelar instalação do *Seculo* na qual se expõem trabalhos das suas oficinas e dos ateliêrs da *Ilustração Portuguesa* em todos os generos constituindo verdadeiros especimêns gráficos.



tabelecimento. Tem dado os melhores resultados essa máquina que é movida com a maior facilidade por duas operarias sendo a execução dos envelopes perfeitissima.

O Presidente da Republica depois de ouvir lér a mensagem em que era saudado respondeu enaltecendo as belezas d'aquella exposição, a idéa de progresso que a ella presidiu e que o consola no meio dos espinhos do seu cargo, e das dôres das suas enfermidades.



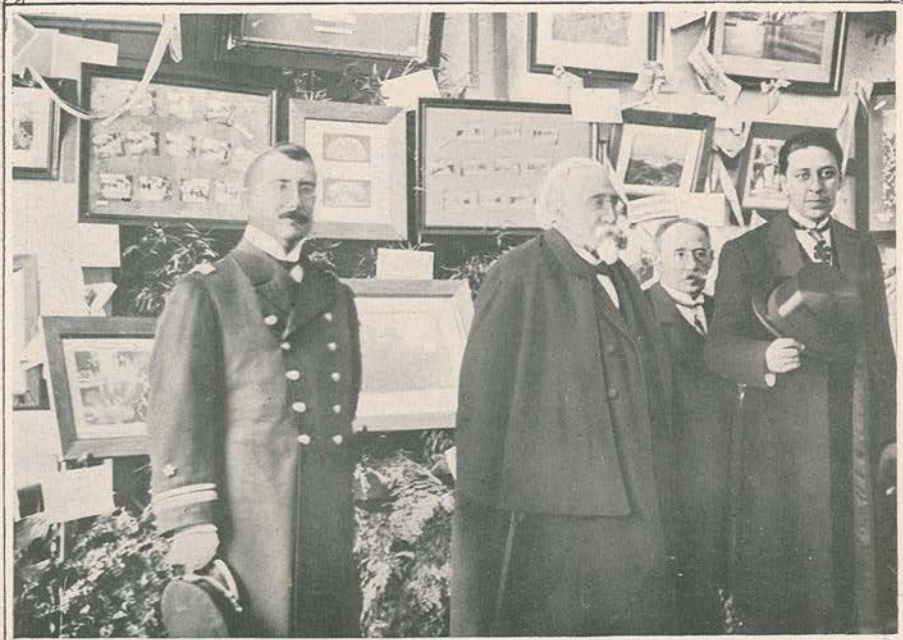
1. As instalações do fotografo sr. Rato. A' direita um cliché da casa Vasques e Lima — 2. Instalações dos fotografos srs. Arnaldo Garcez e Franco — 3. Instalações do fotografo da *Ilustração Portuguesa* sr. J. Benoliel

Por entre aplausos calorosos e vivas concluiu o sr. dr. Manuel d'Arriaga o seu discurso ficando assim inaugurada a exposição das artes graficas com

que se comemorou tambem o terceiro aniversario da proclamação da Republica, e que é uma brilhante prova dos progressos do trabalho nacional.



1. O Presidente da Republica apeando-se do seu automovel deante do edificio da Imprensa Nacional.
2. O chefe do Estado analisando alguns trabalhos expostos.



O chefe do Estado tendo á sua direita o ministro da marinha e á esquerda os srs. Justino Guedes, diretor da Editora e Luiz Derouet, diretor da Imprensa Nacional.

Como no ano anterior a sr.^a D. Lucrecia d'Arriaga, esposa do presidente da Republica, presidiu á festa dedicada ás creanças filhos dos operarios da Imprensa Nacional que decorreu com a mais franca alegria dos pequenos e satisfação dos paes que os viam acarinhados n'aquella reunião infantil.

Durante dezaseis semanas todo o pessoal sem distincção de cate-



goria se quotizou para que pudesse ser oferecido um belo *lunch* que decorreu por entre entusiasmos.

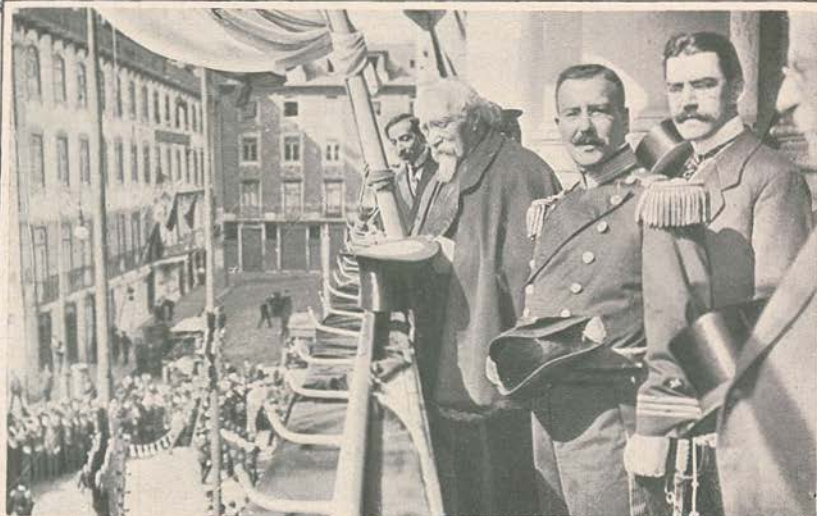
Alguns oradores enalteceram o significado d'aquella festa de confraternisação entre filhos d'operarios e de chefes, foram recitadas poesias alusivas e no fim d'essa encantadora reunião a sr.^a D. Lucrecia Arriaga visitou minuciosamente a exposição grafica.

Aguarela de Alfredo Moraes exposta na Imprensa Nacional e adquirida pelo illustre administrador do mesmo estabelecimento, sr. Luiz Derouet

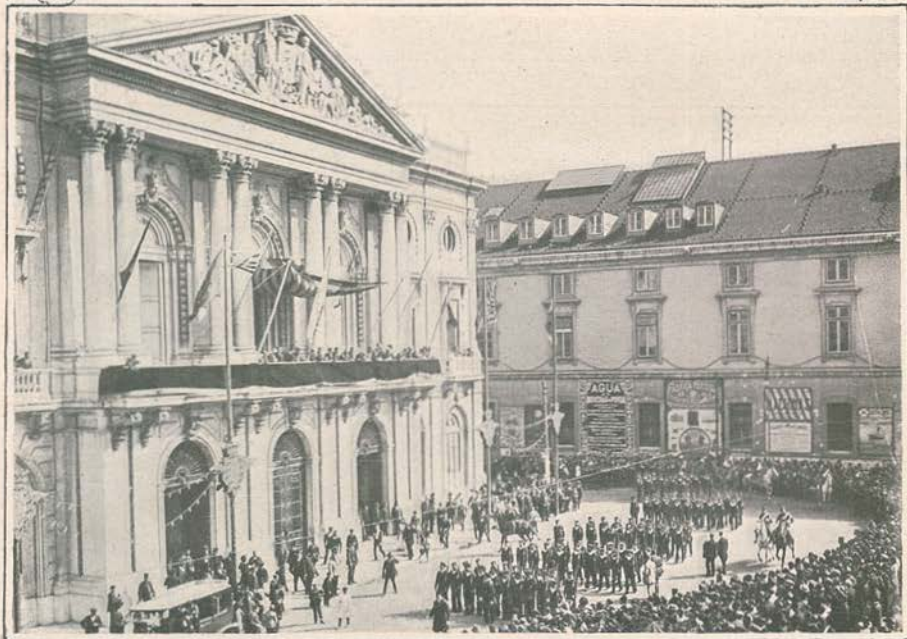


2. O sr. dr. Afonso Costa, presidente do ministerio com o ministro do interior saindo da Imprensa Nacional—3. A sr. D. Lucrecia d'Arriaga, esposa do chefe do Estado com o sr. Luiz Derouet, administrador da Imprensa Nacional, no dia da festa dedicada ás creanças filhos dos empregados d'aquelle estabelecimento

As festas do terceiro aniversario da Republica



Na Janela da Camara Municipal: O Presidente da Republica e os ministros da marinha e do interior vendo desfilar os marinheiros no dia 5 de outubro.



A passagem dos marinheiros diante dos paços do concelho.

A recepção no palacio da presidencia



6



2

1. Na recepção do palacio de Belem em de outubro: A saída do ministro da Alemanha.
2. Os ministros de Inglaterra e do Japão saindo do palacio.—(Clickés de Benollet)

recebidos milhares de telegramas de todos os pontos do paiz.

O corpo diplomatico saudou o chefe do Estado e n'essa recepção compareceu tambem a officialidade do navio brasileiro *Benjamim Constant*, então surto no Tejo, a qual com a sua presença demonstrou a estreita solidariedade que de dia para dia mais une os dois povos.



3

3. A colocação da primeira pedra do monumento do escritor Antonio José da Silva, (o *Judeu*) tuetado no reinado de D. João V; o chefe do governo sr. dr. Afonso Costa assistindo á cerimonia.

4. O sr. Pereira Lias, vereador da Camara Municipal, fazendo o seu discurso diante da *maguete* do monumento a Antonio José da Silva, o *Judeu*, cuja primeira pedra foi colocada na Avenida 3 de outubro.

A' recepção do palacio de Belem com que o venerando Presidente da Republica em 4 d'outubro solenizou o terceiro niversario do novo regimen, concorreu todo o elemento official sendo



O BENJAMIM CONSTANT no Tejo

O *Benjamim Constant* esteve fundeado no Tejo e a sua officialidade e marinhagem receberam da parte dos portuguezes todas as manifestações de simpatia a que lhes dão direito as ligações seculares entre os dois povos.

Como nos outros anos, em que o belo navio escola nos visita houve, uma grande concorrência a bordo, mas infelizmente não se poudo n'uma festa marcar bem todo o regosijo pela estada em Lisboa dos futuros officiaes da armada brasileira em vista do tragico acontecimento que en-



Os aspirantes do *Benjamim Constant* com os officiaes instrutores.

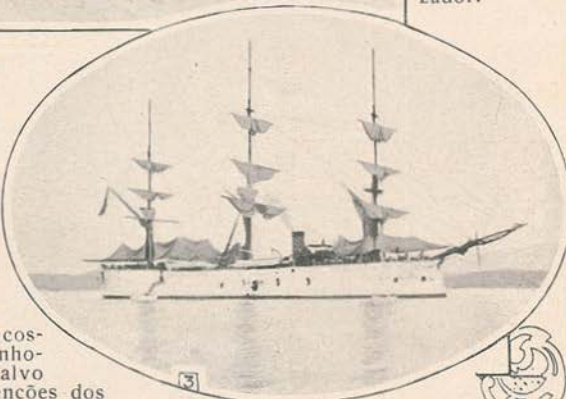
lutou a marinha de guerra da nação irmã.

A catastrophe do *Guarany* impediu que os marinheiros do *Benjamim Constant* tomassem parte na parada do dia 5 de outubro junta com os nossos, foi a causa de não se realizarem festas projetadas em sua honra e tambem de não se fazer a bordo a costumada reunião onde as senhoras portuguezas são alvo das mais delicadas atenções dos nossos hospedes.

Tambem não se realisou na le-

O comandante do *Benjamim Constant*, os seus ajudantes e o sr. dr. Belford Ramos, secretario da legação do Brazil, á saída do palacete de Belem.

gação do Brazil o jantar e o tea que o ministro tencionava oferecer á officialidade limitando-se a convidar para um almoço intimo o comandante do cruzador.



O *Benjamim Constant*



1. Um grupo de marinheiros a bordo do *Benjamin Constant*

Sentidamente se soube a noticia do desastre do *Guarary* que não deixou expressar com o entusiasmo de sempre a alegria de se receber no Tejo a visita do navio escola cujo comandante e esta do maior visitaram no palacio de Belem o chefe do Estado que os acolheu com a mais viva simpatia.



2. Aspirantes de serviço a bordo do *Benjamin Constant*.

A's festas da Republica faltou pois o brilhantismo que lhes dariam os brazileiros marchando nas ruas de Lisboa por entre as aclamações populares o que teria succedido sem esse luto que cobriu a armada brasileira a qual perdeu trinta e dois dos seus bravos marinheiros.



3. A guarnição d'uma peça do *Benjamin Constant*.—2. Na tolda—(Clifês de Benoitel)

Uma impressão de Diepe



O casino de Diepe, ao longe um dos rochedos habitados

Dois enormes rochedos limitam, ao norte e ao sul a praia de Diépe. E' no espaço compreendido entre os dois que estão os *chateaux* de luxo, os hotéis suntuosos, o casino, a avenida, o jardim á beira-mar. Entre um e outro, n'esses mezes de Julho e' Agosto, uma multidão mundana toma banho, flirta, faz *sport*, arruina-se no bacará

e paga fabulosamente caro os seus quartos e seus *menús* de hotel. N'esse espaço vive, animado, ruidoso, em todo o esplendor da sua elegância, esse produto requintado da Civilização que é uma praia moderna, com os seus *maillots* de seda, as suas *terrasses*, os seus *cortes* de tennis, as suas promiscuidades, o seu snobismo impe-



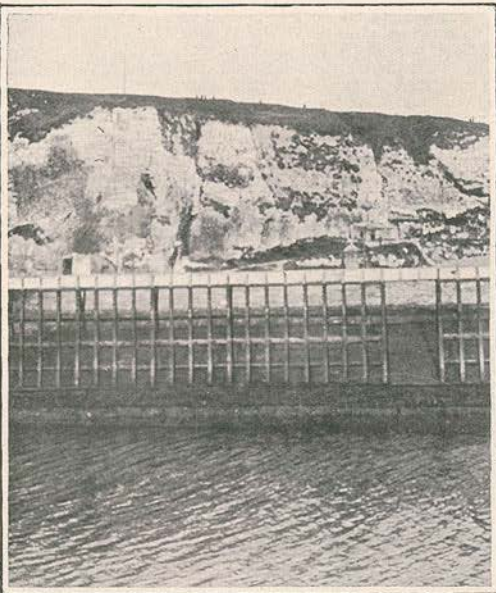
Um dos rochedos habitados

nitente. Aproximemo-nos d'um dos enormes rochedos que dominam a praia. Um espectáculo novo e impressionante se nos apresenta. Aqui e além n'esses rochedos existem cavernas profundas. Essas caver-

tas outras não. Em certas d'elas vivem famílias numerosas. Em todas se cozinha. E a fumarada enchendo a caverna, e as chamas cortando aqui e além de manchas rubras a escuridão das fragas dão ao recinto o aspeto d'uma visão dan-tesca.

Do fundo, a caverna tem a aparência d'um tunel. Ao longe uma nesga de ceu azul poisando sobre o mar. Aquela gente discute, grita, gesticula e os seus gestos são bruscos as suas palavras quasi incompreensivas. Era um retalho de pre-historia, era a vida das cavernas que eu tinha sob os meus olhos surpresos.

... Sai d'ali. No grupo das creanças, uma das quaes, que teria três anos era linda, começava a disputar-se a moeda de prata que lhes dei. Respirei á larga. Na minha frente o mar. Em baixo o Casino regorgitando de gente, com o largo portão da entrada onde os automóvejs faziam cauda. E aos meus ouvidos chegavam, misturados com o murmúrio das ondas, os das valsas lentas que os tziganos



Um aspeto dos rochedos habitados

nas são habitadas. São as *Goves*. Uma multidão miseravel, andrajosa e suja se acumula n'esse espaço escuro. Entrei n'uma d'elas. Uma velha de aspeto ascoroso como as fadas más dos velhos contos, dirigiu-se para mim n'um passo incerto:

— *Vous venez voir le chateau des martyres?* — perguntou-me n'uma voz que saía roufenha d'uma guela aspera de aguardente. Um grupo de creanças rodeava-me já, suplicando *sous*. E uma outra mulhersinha, esta de boa aparência, chupada, pequena e de olhos vivos ofereceu-se-me para guia n'aquelle bairro de miseria estranha que inspiraria o lapis d'um Doré.

D'um e d'outro lado da gruta existem habitações, se assim é licito chamar assim a um especie de cabanas toscas feitas de pedras, pedaços de madeira, farrapos de lona. Uma são cober-



O caminho das Goves
(Clichés de Paulo Osorio)

tocavam na *terrassz* para o publico consumidor do chá das cinco...

PAULO OSORIO.

Figuras e Factos



1. O distinto fotografo portuense Alvão

A actual exposiçao das Artes Graficas, aberta no edificio da Imprensa Nacional, põe em destaque um grande artista da fotografia, o sr. Domingos Alvão, do Porto, cujos clichés sobre costumes das provincias do Douro e Minho são tudo o que de mais perfeito e original n'esse genero de arte ali se exhibe.

Já por varias vezes a *Illustração Portuguesa* teve a honra de mostrar aos seus leitores de Portugal e do Brazil o grande merecimento dos trabalhos do sr. Alvão. Hoje, porém, é o illustre artista que o realisa, n'uma exposiçao a que o publico largamente tem concorrido. Estão portanto justificadas, e talvez por um processo mais categorico, as nossas homenagens de sempre a este talentoso reproduutor dos nossos mais interessantes costumes regionaes, que é sem duvida um dos mais valiosos dos que hoje, no paiz, executam o difficil cliché do ar livre.



2. Sr. dr. Joaquim Maria da Silva, falecido em Santarem—3. Sr. Henrique Ferrari Rodrigues Ferreira, falecido em Lisboa—4. Sr. dr. Bernardo Cardoso Botelho, falecido em Coimbra—5. Os exames na escola Bernardino Machado na Portela de Carnaxide: Os alunos que fizeram exame, Joaquim d'Aguilar Cruz, Adriana Simões, a professora sr.ª D. Maria Amelia Verdades Lobo, Antonio Antunes, Fernando Cruz e Cipriano Moura.—(Cliché do distinto fotografo amador sr. Antonio Augusto Gomes)



6—Os alunos da escola Bernardino Machado que foi fundada pelo sr. João Santos Silva e na qual estão matriculadas sessenta creanças. No fim do anno letivo foram distribuidos latos aos estudantes e valiosos premios aos mais distintos alunos oferecidos pelas sr.ªs D. Maria e D. Adelalde Prado Rodrigues.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA**Madame BROUILLARD**

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 18000 rs., 7500 e 5000.

tuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 18000 rs., 7500 e 5000.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA

Offizard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PELO INFORMAÇÕES A PARIZO, PE

REIRA & C.ª — COIMBRA —
Deo-se representarem em todos os concelhos



A VENDA

Almanaque d'O SEculo

PARA 1914

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

AGENCIAS NO BRAZIL

— DA —

Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar negociações para o estabelecimento de agencias de venda dos seus produtos nas seguintes cidades:

Agencia do Sul — Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado R o de Janeiro.

Agencia do Norte — Pará e Manaus. Agente Sr. CAMILLO VELHOTE. Desde já podem ser feitos pedidos nas respectivas agencias.

Sederia
Schweizer

de porte a domicilio.
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em velludos e peluches. Pegam as nossas amostras franco.
Schweizer e Ca., Lucerna E II
(Suissa)

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA 24

= Para que viver?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tao facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor ETALO, 25, BOULEVARD BONNE NOUVELLE.—PARIS. 26

Cold-Crème Albert Simon

negros, borbulhas, cicero, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

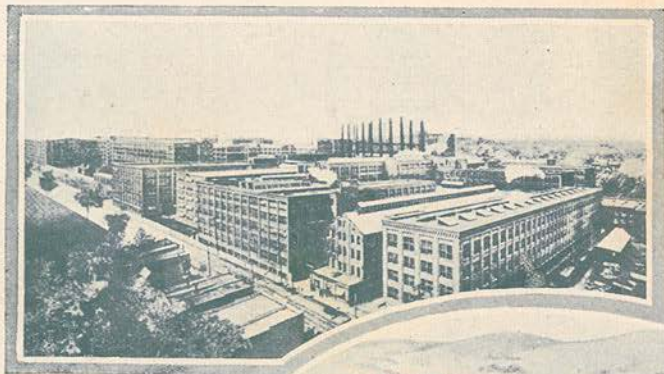
PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.ª — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.º — LISBOA

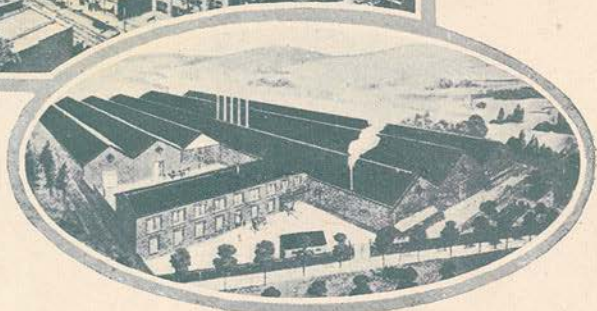


GOODRICH

é a marca de Pneumaticos mais importante do Mundo



1-AKRON (America: do Norte)



2-Colombes (França)

As fabricas onde se fazem os Pneus GOODRICH LISOS, antiderrapants de borracha e metal, cobrem uma superficie de **50 HECTARES**, e empregam 18:000 operarios

À VENDA:

Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}, Rocio—Lisboa

Romariz, Abranches & Pistacchini, Santa Marta.....
 Magalhães & Moniz, Ltd.....
 Antonio Fernandes & Filho.....
 Zenha & Companhia.....
 Auto Garage Gouveense.....
 Auto Garage.....
 Joaquim Manuel Picão Fernandes.....
 José Maria Dionisio Junior.....
 Simões & Florival.....
 Vale & Franco.....

LISBOA
 PORTO
 COIMBRA
 BRAGA
 GOUVEIA
 COVILHÃ
 ELVAS
 VIZEU
 EVORA
 TOMAR

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6—LISBOA